

## O que me tocou...

Penso que nada do que me tocou será original... deve ter sido a experiência de muitos.

No princípio do confinamento o que mais me surpreendeu foi o silêncio. Não era um silêncio simplesmente de falta de ruído, mas um silêncio denso, de expectativa. A lembrança que mais vezes me ocorria era o silêncio da manhã do dia de Natal.

Durante estes dois meses achei admirável a maneira como a natureza continuou o seu trabalho... A primavera chegou com o esplendor de sempre... As flores foram mudando de estilo e hoje já os jacarandás estão floridos, prenúncio de que não falta muito para o verão.

Os pássaros fizeram os ninhos, puseram ovos e agora seguem com olhar atento, acompanhado de um pipilar constante, os passarinhos recém nascidos que fazem experiências de voo.

Foi divertido observar os patos de um jardim público que, sem o movimento habitual, se atreveram a ir até às piscinas das casas vizinhas e experimentar outros mergulhos. E também ver galinhas atravessando as ruas desertas obrigando algum carro solitário a abrandar.

Quanto às pessoas...

Foi fascinante assistir a toda a criatividade que irrompeu por todos os lados e beneficiar da solidariedade que nos proporcionou tantos momentos de toda a ordem - comoventes, divertidos, belos, surpreendentes - com concertos, filmes, conferências, visitas a locais diversos, cidades, museus etc...nos mais diversos pontos do planeta.

E que dizer do esforço das comunidades religiosas para oferecer momentos de espiritualidade ao longo de todos estes dias, sobretudo aos domingos, de modo especial na semana santa e na Páscoa e, mais recentemente, em Fátima, nos dias 12 e 13 de maio, com celebrações sóbrias, centradas no essencial e que, acredito, foram uma verdadeira ajuda para muitos.

Foi muito especial ter participado em celebrações, em direto, em Lisboa, numa paróquia dos arredores de Santiago do Chile, em Montserrat e em Taizé. Sentimo-nos de facto universais...

Pessoalmente tive muito presente e reli com gosto e atual a *Messe sur le Monde*, de Teilhard de Chardin, que é um alargar de visão e de sentido.

Inesperado também foi ver como adultos, crianças e jovens se adaptaram rapidamente a novos desafios e procuraram soluções para enfrentar as diferentes situações.

Finalmente, tocou-me o modo como tantos se fizeram presentes através de telefonemas, mensagens, partilhas de toda espécie, pelo que me senti sempre muito acompanhada e imensamente grata.

Claro que nem tudo foi fantástico para todos e houve certamente muito sofrimento, incertezas e medo mas atrever-me-ia a dizer que o positivo superou.

Penso que mudou muita coisa nas nossas vidas e nada voltará a ser totalmente igual ao que era.

Acredito que a reflexão feita por tantos durante este tempo e a vontade de agir daí decorrente vão contribuir para que haja realmente um futuro melhor para todos.

Lucy Wainwright